

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: Matérias que citam o ministro Fernando Coelho Filho ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Globo	1
Título: Depois da tempestade	1
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	3
Título: » Subiu no telhado.	3

VEÍCULO: O Globo

Seção: Colunas

Autor: Míriam Leitão

Título: Depois da tempestade

COM MARCELO LOUREIRO

A Eletrobrás está mudando. A dívida líquida caiu, o número de funcionários foi reduzido, a administração foi reorganizada, e a ação já se valorizou em 173% até agosto. Estão sendo vendidas 77 SPEs no valor de R\$ 4,6 bi. A devastação causada pela ex-presidente Dilma Rousseff impressiona: a Eletrobrás perdeu de

2011 a 2015 quase a metade do patrimônio líquido e acumulou prejuízo de R\$ 31 bi.

“A companhia tem 55 anos. Em quatro anos, só quatro, ela perdeu 40% do seu patrimônio líquido. Quase metade do patrimônio esfacelado em um prazo muito pequeno. Ao mesmo tempo ela aumentou muito a dívida para fazer frente a isso e aos planos enormes de investimento. Esse era o tamanho do problema 14 meses atrás” conclui Wilson Ferreira, olhando para os gráficos da companhia que preside. Essa destruição de valor na Eletrobrás aconteceu pelo mesmo motivo que houve um mar de prejuízos em todas as empresas do setor: a Medida Provisória 579. Dívidas e brigas judiciais ainda se acumulam entre os diversos segmentos do mercado por causa da MP. Com ela, a ex-presidente Dilma achou que estava reinventando a roda. Deu errado. Entre outras razões porque ela reduziu na marra o preço pago às geradoras, diminuindo em 20% a receita da Eletrobrás. Mas a seca se agravou, tornando o valor pago ainda mais irreal. A dívida comparada à sua geração operacional de caixa em um ano, a medida mais importante de endividamento — dívida líquida/Ebitda — era 8,8 vezes em setembro de 2016. Agora está em 4,1 e a meta é terminar este ano com 3,3, chegando a 2,4 em 2018. — A empresa aumentou o endividamento e o país perdeu o grau de investimento. Uma combinação diabólica porque o banco te cobra mais caro e encurta a dívida.

A Eletrobrás chegou a tomar dinheiro a 16%, a 19%. O serviço da dívida aumentou 60% — explica Wilson Ferreira. O ajuste pelo qual a estatal está passando mexe com tudo. Para se ter uma ideia, além de todas as controladas, ela tinha também 178 Sociedades de Propósito Específico. Para cada novo negócio que o governo decidia que a Eletrobrás iria entrar, criava-se uma SPE, que tinha que ter uma estrutura administrativa. A nova gestão decidiu vender 77, ao valor de R\$ 4,6 bi. Outras foram encerradas e algumas incorporadas ao negócio porque não havia razão para não fazerem parte da estrutura. Com o plano de aposentadoria incentivada, a companhia reduziu em 2.100 o número de funcionários, e diminuiu em R\$ 900 milhões o custo. Além disso, restringiu níveis administrativos, cortou 600 cargos de gerente, e eliminou 60% dos cargos de assessor. O plano de demissão incentivada deve despedir 2.300 funcionários até o ano que vem.

— Não faz sentido ter quatro níveis hierárquicos numa holding, ou ter 2.200 caras gerenciando 15.000. Parece muito cacique. Tudo está sendo mexido na Eletrobrás, que se prepara para a privatização. Mas esta palavra Wilson Ferreira não fala. — Haverá uma democratização do capital, e com regras para evitar que haja concentração das ações, no modelo de grandes empresas do mundo. Ferreira não acha um mau negócio a estatal ficar com as dívidas das seis distribuidoras que controla, e vendê-las por um preço mínimo. São as companhias do Amazonas, Roraima, Acre, Rondônia, Alagoas e Piauí. A de Goiás

já foi vendida. — A Eletrobrás perde muito dinheiro com essas distribuidoras. Nos últimos 10 anos foram R\$ 20 bilhões. Só no ano passado foram R\$ 6 bilhões de prejuízo.

Ao vender, de largada, vamos reduzir em R\$ 2,4 bilhões o custo de pessoal, material e serviços de terceiros. A dívida de R\$ 11 bilhões dessas companhias será transferida para a Eletrobrás para tornar viável a venda das distribuidoras. Mas Wilson Ferreira diz que tudo já foi provisionado. A companhia tem apenas que usar o dinheiro, ou reverter a provisão. Por isso, ele acha que o impacto será “zero”, e que o maior ganho é sair de um negócio que a estatal nunca dominou. Para vender parte do capital da Eletrobrás será preciso aprovar o projeto de lei no Congresso, e resistir à pressão dos grupos políticos em torno de cada uma das controladas. Mas, se conseguir, o maior ganho será proteger a companhia do enorme prejuízo que tem sido a persistente interferência dos políticos que sempre controlaram a estatal.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Seção: Coluna do Estadão

Autor: ANDREZA MATAIS

Título: » Subiu no telhado.

O governo já admite que privatização da Eletrobrás não vai ser efetivada. O processo é longo e não há tempo hábil. » Cadeia... Alvo da Operação Cadeia Velha, o presidente do PMDB no Rio, Jorge Picciani, tem como vice no comando do partido Marco Antonio Cabral, filho de Sérgio Cabral.

MME / ASCOM .